

EVASÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE ESPERAR DA ERA PÓS-COVID?

DROPOUT IN ELEMENTARY SCHOOL: WHAT TO EXPECT FROM THE POST-COVID ERA?

Eduardo Tadeu Vieira¹

Roberta Teodoro Santos²

Nilce Santos de Melo³

Roberto de Góes Ellery Júnior⁴

Antonio Nascimento Junior⁵

Resumo:

A pandemia Covid-19 trouxe, para além dos problemas sanitários, impactos em todos os seguimentos, incluindo aqui, o educacional. Como resultado direto, as aulas presenciais foram substituídas pelo ensino remoto, lançando mão do que havia à disposição. De um momento para o outro as aulas tomaram conta da televisão e dos computadores. Isso, numa situação já considerada ruim pelos especialistas. Antes da pandemia, temas como abandono escolar, desempenho e evasão já eram intensamente debatidos. Mas agora, com a pandemia ainda ativa, embora arrefecida, faz-se necessário investigar se estes fenômenos sofreram impacto dos acontecimentos dos últimos dois anos. Objetivo: elaborar um estudo exploratório sobre evasão no cenário da pandemia Covid-19 e apontar estratégias possíveis para seu enfrentamento. Metodologia: este estudo exploratório é baseado em uma revisão de literatura (google scholar) para facilitar uma reflexão sobre o tema e apresentação de estratégias de enfrentamento. Resultados: a literatura mostra que a preocupação dos pesquisadores em relação a este tema, aponta que o impacto negativo já pode ser sentido e elenca uma série de estratégias de enfrentamento, incluindo aqui, ferramentas de inteligência artificial. Conclusão: Mais que apresentar a lista das possíveis causas ou tentar buscar formas de enfrentamento, seria necessário ouvir

¹Professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuarias (CCA/UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Governança e Inovação em Políticas Públicas (PPG GIPP FACE/UnB). Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília (1984), mestrado em Administração pela Universidade de Brasília (2001) e doutorado em Ciências Contábeis pelo Programa Multiinstitucional e Inter Regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis oferecido pelo consórcio UnB/UFRN/UFPB (2013).

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Economia - FACE/UnB. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Goiás (2015), mestrado em Economia Aplicada também pela UFG (2018). É membro do Grupo de Pesquisa LAM - Laboratório de Análise de Microdados da FACE-UFG e pesquisadora do Centro de Estudos Avançados de Governo e Administração Pública da Universidade de Brasília.

³Possui graduação em Odontologia pela Faculdade de Odontologia João Prudente (1987), Anápolis, Goiás. Tem Mestrado e Doutorado em Odontologia (Patologia Bucal) pela Faculdade de Odontologia de Bauru, da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Titular da Universidade de Brasília.

⁴Doutor em Economia pela Universidade de Brasília. Professor Associado do Departamento de Economia da Universidade de Brasília. Pesquisador do quadro do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre 1998 e 2002. Realizou trabalhos de pesquisa e/ou consultoria junto ao Banco Central, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, IPEA, Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh).

⁵Possui mestrado em Administração pela Universidade de Brasília (2003) e doutorado em Economia pela Universidade de Brasília (2012). Atualmente é professor adjunto II da Universidade de Brasília, Vice-diretor da FACE - Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da UnB. Coordenador acadêmico do Mestrado profissional em: Gestão, Economia e Finanças Públicas no Departamento de Economia da UnB. Gestor do Contrato UnB/ IPEA e gestor de contrato UnB/DNIT.

os egressos para a coleta dos dados e, principalmente, buscar estabelecer o nexo causal entre os determinantes e avaliar o impacto de cada um, na evasão. Mesmo que se lance mão de ferramentas inovadoras de tecnologia, não é possível esperar que todos os determinantes estejam presentes em todos os casos e nem que as respostas individuais sejam homogêneas. De maneira concreta, este estudo sugere a criação de indicadores de acompanhamento longitudinal para cada aluno, nos moldes existentes na avaliação da evasão do ensino superior.

Palavras-chave: Covid19, pandemia, abandono escolar, desempenho, evasão, ensino básico.

Abstract

The Covid-19 pandemic brought, in addition to health problems, impacts on all segments, including education. As a direct result, in-person classes were replaced by remote teaching, making use of what was available. From one moment to the next, classes took over television and computers. This, in a situation already considered bad by experts. Before the pandemic, topics such as school dropout, performance and evasion were already intensely debated. But now, with the pandemic still active, although cooled, it is necessary to investigate whether these phenomena were impacted by the events of the last two years. Objective: to prepare an exploratory study on evasion in the Covid-19 pandemic scenario and to point out possible strategies for coping with it. Methodology: This exploratory study is based on a literature review (google scholar) to facilitate reflection on the topic and presentation of coping strategies. Results: the literature shows that the concern of researchers in relation to this topic points out that the negative impact can already be felt and lists a series of coping strategies, including artificial intelligence tools. Conclusion: More than presenting a list of possible causes or trying to find ways of coping, it would be necessary to listen to the graduates for data collection and, mainly, to seek to establish the causal link between the determinants and evaluate the impact of each one, on evasion. Even if innovative technology tools are used, it is not possible to expect that all determinants are present in all cases, nor that individual responses are homogeneous. In a concrete way, this study suggests the creation of longitudinal monitoring indicators for each student, along the lines existing in the evaluation of higher education dropout.

Key Words: Covid 19, pandemic, school abandonment, school performance, dropout, elementary school.

Introdução

A cidade de Wuhan, na China, viu surgir, em dezembro de 2019, um surto epidêmico duradouro causado pelo novo coronavírus, como aponta a revisão sobre a COVID-19 (MADABHAVI ET AL, 2020). Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que o surto da “Doença **CO**rona**VI**rus 2019” (COVID-19) havia se tornado uma pandemia. Desde 4 de setembro de 2020, o agente etiológico da síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 (SARS-CoV-2), se espalhou por todo o mundo. De acordo com o site da OMS, os dados, em resumo são: 526.382.196 casos confirmados e 6.286.323 de mortes (<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>). Estes dados são referentes à busca no dia 31 de maio de 2022.

A gigantesca capacidade de transmissão, e de mutação, do vírus provocou uma resposta mundial e afetou a todos, em todas as nuances possíveis. Do momento em que houve o agravamento da crise, pelo espalhamento do vírus, foi decretado em vários pontos, o fechamento das atividades consideradas não essenciais. Dentre as atividades não essenciais figura, evidentemente, o sistema educacional. A pandemia se revelou um grande desafio para os sistemas de educação (Daniel, 2020), porque o fechamento ou “lockdown” atingiu diretamente as escolas, em todos os níveis. No

Brasil, desde o dia 20 de março de 2020, quando foi sancionada a portaria de nº 454 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020a), declarando, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (COVID-19), as aulas presenciais das escolas dos vários cantos do Brasil foram substituídas pelo ensino remoto. (BRASIL, 2020). Muitos governos ordenaram que as instituições interrompessem o ensino presencial e, quase da noite para o dia, tudo foi mudado para o ensino online e educação virtual (DANIEL, 2020). Conhecer como essa drástica e repentina mudança será sentida na aprendizagem, no desempenho, no abandono e na evasão, é o desafio atual.

Dito assim, faz supor que toda crise na educação foi resultado direto da pandemia. Mas, de acordo com a publicação recente do Banco Mundial, mesmo antes da pandemia COVID-19, o mundo vivia uma crise de aprendizagem. Antes da pandemia, 258 milhões de crianças e jovens da idade escolar primária e secundária estavam fora da escola. E a baixa qualidade de escolaridade significava muitos que estavam na escola aprenderam muito pouco (BANCO MUNDIAL, 2020). Esta situação é particularmente preocupante no Brasil, que se encaixa no seguinte quadro: mais da metade de todas as crianças de 10 anos não consegue ler e entender uma história simples, apropriada para a idade. E o pior da crise causada pela pandemia: a desigualdade do seu impacto. As crianças mais desfavorecidas e os jovens tiveram o pior acesso à escola, maiores taxas de evasão e os maiores déficits de aprendizagem (BANCO MUNDIAL, 2020). Assim, a situação nos impele a investigar estes fenômenos no período da pandemia e logo após seu arrefecimento. Este estudo exploratório apresenta uma reflexão, um ponto de vista, sobre a evasão no cenário da pandemia Covid-19 e aponta estratégias possíveis para o seu enfrentamento.

O princípio

Os valores de evasão, sobretudo no ensino básico e fundamental, costumam ser imprecisos, dadas as diferentes metodologias, conceitos e dificuldade de acesso aos dados. O fenômeno em si, revela um quadro grave e significativo, considerado por alguns como a expressão do fracasso escolar. De acordo com Klein, em 2006, “para ter tempos médios esperados de conclusão reduzidos, é necessário que as taxas de repetência sejam menores que 5% e as taxas de evasão menores que 1%” (KLEIN, 2006, p.142). Mas, as taxas de evasão no Brasil são, no geral, maiores que 1%, como aponta o próprio autor.

Considerando a complexidade envolvida na evasão, sua multicausalidade, e a imprecisão de sua real magnitude, o quadro geral brasileiro é preocupante. Mas agora, também considerando a mudança drástica na forma de ensino e os diferentes efeitos da pandemia, precisamos saber como se comportou o fenômeno da evasão.

As evidências científicas

Para responder ao questionamento acima, necessário se faz retroceder aos dados obtidos antes da pandemia para efeito de comparação. Uma revisão de escopo nos mostrou que há poucos

estudos sobre o tema (JÚNIOR, SANTOS & MACIEL, 2016; BORDINI, 2021) e os poucos que existem são, na maioria, resultados de trabalhos de conclusão de curso e, portanto, não submetidos à apreciação pelos pares numa publicação em periódicos indexados. Dentre os artigos publicados sobre evasão no ensino básico, existem os trabalhos clássicos, como o Klein em 2006, citado por muitos. Este trabalho aponta que a evasão no primeiro ciclo da educação básica é de 4,45%, enquanto no segundo ciclo, é maior, chegando a 9,83% (KLEIN, 2006). Estes dados são confirmados, não exatamente, mas com valores próximos nos estudos atuais sobre evasão (BRANCO ET AL, 2020; WANDERELEY, 2021).

No entanto, Gonçalves, Rios-Neto & César, em 2016, encontraram um percentual maior, de aproximadamente 13%, de alunos que evadiram entre a 4ª e a 8ª série do ensino fundamental, sendo a maioria nos estados nordestinos. Mais ainda, os autores definiram que o padrão também não é linear em relação às séries cursadas. A maior parte das evasões se deu na quinta série, influenciadas pela reprovação e consequente repetência. Este estudo mostrou que a evasão e o desempenho escolar não se comportam igualmente, nem entre os Estados, nem entre as séries, nem entre as camadas sociais, nem entre as escolas privadas e públicas, nem mesmo entre os ciclos (GONÇALVES, RIOS-NETO & CÉSAR, 2016; MAIA ET AL, 2021).

Como é na prática a mensuração da evasão? Como deveria ser feita?

Nos artigos revisados, há pouca menção à forma de cálculo, com raras exceções, como Gonçalves, Rios-Neto & César, 2016. Não são consideradas as desigualdades regionais, ou quando o são, os estudos são locais, o que não permite extrapolação dos resultados. Também não são considerados os aspectos cumulativos que cercam a evasão, porque não são considerados aspectos diversos das trajetórias cursadas. E tampouco são considerados os determinantes socioeconômicos ou culturais ou familiares.

Assim, considerando que a pandemia irá trazer dados ainda mais preocupantes sobre a evasão, embora não tenhamos, ainda, como avaliar quantitativamente o impacto, e diante da leitura dos artigos, elaboramos a seguinte sugestão:

A evasão deveria ser mensurada por meio do acompanhamento individual de cada aluno, bastando para isso, nos moldes que é feito para o ensino superior, que cada estudante tivesse o CPF ou que o número da matrícula fosse imutável. Assim, nos moldes do proposto por Lima et al, em 2019, poder-se-ia criar um indicador chamado de Taxa Longitudinal de Evasão do Ensino Básico, em duas vertentes, para que fosse aplicada no primeiro e segundo ciclos. No entanto, cabe destacar que, pela desigualdade presente em todos os aspectos do sistema educacional brasileiro, apenas um indicador, ou um modelo, pode não ser suficiente para mensurar e avaliar evasão, em todas as suas faces, impactos e significados. Além disso, seria fundamental que se avaliasse, de forma preventiva e preditiva, o desempenho escolar, conforme sugerido por Maia et al, 2021.

Causas da Evasão

O princípio

Branco et al, em 2020, perguntaram: quais razões levam ao abandono e posterior evasão? É possível definir causas? Podemos afirmar que sim: as causas da evasão são conhecidas, mas são multifatoriais. Mas algumas são de difícil enfrentamento, por serem características coletivas e alvo de políticas públicas. Diminuir a evasão passa necessariamente por diminuir as desigualdades socioeconômicas, por financiamento público, pela implementação de programas de governo que priorizem a educação básica, entre outras ações de cunho individual. A pandemia, por ter levado ao fechamento das escolas, por ter mudado abruptamente a forma de ensinar, por ter alterado os comportamentos, por ter provocado inúmeras perdas, entre outros impactos, certamente influenciou negativamente as taxas de evasão. Isso somado nos leva a um resultado de desmotivação, que é uma das principais características do estudante que evade.

As evidências científicas

Para Branco et al, 2020, há duas categorias de fatores correlacionados com o insucesso do aluno. A primeira categoria diz respeito aos fatores externos à escola, nos quais entram, como determinantes, a relação familiar, as desigualdades sociais, a violência, entre outros. A segunda categoria, a dos fatores internos ou inerentes à escola, podem ser exemplificados com a precariedade da infraestrutura escolar, déficit na formação docente, desmotivação, falta de identidade do aluno com a escola, entre outros. Em relação direta com os fatores ligados ao aluno, Ferreira, em 2013, acrescentou uma terceira categoria, que pode acumular características como desinteresse, indisciplina ou ter problemas intrínsecos de saúde.

O relatório da UNESCO, em 2008, já apontava o caráter multifatorial e multicausal da evasão, bem como mostrava que, por ser complexa, abrange situações específicas dos diversos países, fatores particulares do aluno, bem como o nível das redes de ensino. Este relatório destaca que nos países em desenvolvimento, mesmo as escolas bem equipadas são incapazes de evitar a evasão, se o aluno estiver submetido a uma situação de pobreza ou miséria. Até em países desenvolvidos, os fatores inerentes aos alunos estão presentes, como demonstrado por Gubbels, van der Put & Assink, em 2019. Os autores mostram os fatores de risco de evasão relativos aos alunos, como sendo o histórico de reprovações, baixo QI ou dificuldades de aprendizagem, e, consequentemente, desempenho acadêmico insuficiente. Os autores apontam que o absenteísmo está estreitamente relacionado à evasão e apontam que conhecer e mensurar o impacto do absenteísmo pode ser a estratégia de enfrentamento da evasão.

De acordo com Bissaro, em 2021, a evasão escolar é um processo de acontecimentos preliminares que incidem em sua efetivação. Os eventos preliminares podem ser as faltas frequentes e sem justificativas, ou seja, o absenteísmo. Neste caso, a escola deveria acionar a família e com cautela, iniciar uma investigação das causas que podem acometer a vida desse aluno e ter como desfecho a evasão. Mas, em geral, as causas não são apontadas na literatura, sendo apenas caracterizadas como multifatoriais com consequências nefastas para o ensino (Bordini, 2021; Sales et al, 2019).

Mais que apresentar a lista das possíveis causas ou tentar buscar formas de enfrentamento, seria necessário ouvir os egressos para a coleta dos dados e, principalmente, buscar estabelecer o nexos causal entre os determinantes e avaliar o impacto de cada um, na evasão. Em um evento multicausal, certamente os fatores se sobrepõem, se interligam e adquirem significados diversos, o que dificulta a sua avaliação. Até mesmo a própria constituição do ensino fundamental, em dois ciclos, parece contribuir para a evasão, já que os índices são diferentes, e crescentes, ao longo do trajeto escolar.

Mesmo que se lance mão de ferramentas inovadoras de tecnologia, não é possível esperar que todos os determinantes estejam presentes em todos os casos e nem que as respostas individuais sejam homogêneas. Ainda há questões relativas à saúde, especialmente nos casos de transtorno de déficit de atenção, TDH (Mirza et al, 2017) e agora, com a pandemia, instituiu-se um novo (e muito significativo) fator que contribui para a evasão.

E como a pandemia afetou ou pode afetar a evasão?

O abandono escolar aumentará especialmente, a maior evasão se concentrará em grupos desfavorecidos (BANCO MUNDIAL, 2020). Os apontamentos deste relatório não são favoráveis ao indicar que, além da pandemia, existe a recessão econômica, que afetará sobremaneira os mais desiguais. E a desigualdade é também relativa ao acesso a internet. Mesmo com as evidências de um número significativo de pessoas sem acesso à internet, grande parte do ensino remoto se pauta no uso da rede de dados, o que faz com crianças e adolescentes que estavam nessas áreas sem internet no período de pandemia?

Em uma breve revisão pode-se observar que muitos pesquisadores se debruçaram sobre o tema. Os trabalhos variam na mensuração do impacto da covid-19 na aprendizagem, como é o caso da avaliação de Khan & Ahmed (2021) que indica que o fechamento de escolas pode aumentar substancialmente a evasão e diminuir o aprendizado, o que afeta adversamente resultados importantes a longo prazo. Além disso, os autores constataram uma diminuição substancial na Aprendizagem Ajustada em Anos de Escolaridade (LAYS), mais intensa para meninas do que para meninos.

Resultados similares foram encontrados pelos autores Chatterji & Li (2021) que estimaram os efeitos da pandemia do COVID-19 sobre a matrícula escolar nos Estados Unidos. As evidências iniciais sugerem que a pandemia reduziu a matrícula escolar em cerca de 2% durante abril de 2020, em comparação com o mesmo mês em anos anteriores. As magnitudes desses efeitos variaram amplamente e foram maiores entre os grupos desfavorecidos (estudantes mais velhos e entre adolescentes sem um membro da família com ensino superior). A matrícula escolar, no trabalho de Chatterji & Li (2021), pode capturar tanto a falta de frequência/engajamento quanto a evasão escolar e representa um indício de impacto negativo do choque sobre essas variáveis.

E como fazer?

A educação durante e após a COVID-19 requer uma abordagem coerente, começando com a análise do impacto da pandemia nos alunos, nas comunidades e no sistema educacional. A identificação de estratégias pertinentes definirá o que e como ensinar no futuro. Isso implica a criação de sistemas híbridos flexíveis que integrem o ensino presencial com a educação a distância, podendo alternar-se na proporção do ensino que ocorre em uma modalidade ou outra, em função da viabilidade de frequentar a escola de forma presencial, como dito por Reimers (2021).

As alternativas apontadas por Reimers (2021) são relativas ao ensino como um todo, mas para efetivamente procurarmos frear o avanço da evasão, por conta da Covid, são necessárias estratégias inovadoras associadas às práticas tradicionais de abordagem da evasão. Estas estratégias surgiram a partir da leitura dos artigos e da reflexão sobre os números que permeiam a evasão. Como o aporte de tecnologia e inteligência artificial espera-se que a predição da evasão tenha mais acurácia. No entanto, apenas o recurso instrumental não será suficiente se não for trabalhada a questão da alimentação do banco de dados pelas escolas.

Em relação ao banco de dados, existe a possibilidade de se usar o censo escolar como base, e, a partir dele estimar alguns impactos de variáveis como o Bolsa Família, por exemplo. Isso porque não se pode esquecer que, para além dos determinantes ligados à escola e à família, existem outros, de natureza econômica, geralmente não observados nos resultados educacionais no Brasil. Partindo do pressuposto de que o programa tem pouco ou nenhum impacto sobre não-participantes, o impacto positivo sobre os participantes, que representam um terço do total de crianças no Brasil, é cerca de três vezes maior, de acordo com Glewwe & Kassouf (2008). Os autores detalham os impactos em número de matrículas e também na taxa de evasão.

De forma geral, nos últimos 50 anos, houve um aumento, em nível mundial, da oferta de matrículas. Mas, a COVID-19, o maior desafio já enfrentado por todos os sistemas de ensino, pode ter neutralizado este crescimento. O efeito mais visível da Covid19 no sistema educacional está representado pelo fechamento das escolas. Em alguns países, as escolas estiveram entre as primeiras instituições a fechar e entre as últimas a reabrir, o que provocou uma interrupção considerável nas oportunidades de aprender. Em 33 países da OCDE, a duração média do fechamento das escolas foi de 70 dias, com diferenças consideráveis entre os países na duração desse fechamento, que vai desde 20 dias na Dinamarca e na Alemanha, até de 150 dias na Colômbia e na Costa Rica (OCDE 2021).

Ainda que o efeito direto da pandemia na educação seja negativo, é forçoso reconhecer pequenos ganhos. É importante destacar que os educadores desenvolveram uma variedade de inovações para manter as oportunidades educacionais durante o período de suspensão das aulas presenciais, de acordo com Reimers (2021). Cabe um adendo sobre a pandemia: é bem provável que ela continue ainda por algum tempo e pode ser que tenhamos dificuldade em mensurar seus efeitos de imediato. Algumas previsões indicam que o SARS-CoV-2 continuará a sofrer mutação nas populações não vacinadas. Com base nessas previsões, será necessário se adaptar para conviver

com o vírus em um futuro previsível, preparando-se para possíveis surtos periódicos de mutações (OSTERHOM Y OLSHAKER 2021).

Estratégias para avaliar o impacto da Covid sobre a Evasão

O primeiro ponto, considerando a plena reabertura das escolas, deveria ser uma revisão de como os dados são coletados e enviados ao INEP, pelas escolas. Um programa governamental de estímulo seria bem-vindo nessa etapa. Na sequência, seria necessário um esforço conjunto para análise dos dados, mas especificamente, sugerimos que o indicador evasão fosse apresentado em uma página (site do INEP) específica. O que se tem hoje é, dentro dos indicadores, a taxa de rendimento e abandono. O cálculo de evasão deveria vir junto. E por último, a despeito de artigos inovadores que usam tecnologias avançadas, a maior contribuição que se poderia ter no cálculo da evasão, seria o acompanhamento longitudinal. Ainda mais agora que não conhecemos os efeitos da Covid no médio e longo prazo.

Do ponto de vista da saúde, e traçando um paralelo, há casos em que a covid é assintomática, casos nos quais é grave e necessita internação, outros em que há necessidade de cuidados intensivos, outros que as sequelas persistem por muitos meses (covid longa) e, em menor escala há os casos em que a covid é letal. Neste paralelo, parece razoável supor que a pandemia afetará desigualmente os desiguais.

Um ponto já conhecido é o efeito da pandemia na aprendizagem, pelo comprometimento do processo de ensino-aprendizagem e pelo aumento da evasão escolar, os quais demandaram ações estratégicas de curtíssimo prazo para a eventual continuidade dos estudos, bem como o esforço de um planejamento de resolução de problemas para a normalização dos ciclos escolares no médio prazo (Senhoras, 2020). E, no Brasil, em uma iniciativa recente, a Secretaria de Educação Básica, elaborou um decreto para recuperação da aprendizagem, que diz, no seu artigo 2º, inciso IV: “recuperação das aprendizagens - conjunto de medidas para o avanço do discente ao nível de aprendizagem adequado à sua idade e ao ano escolar, por meio do uso de estratégias e atividades pedagógicas de diagnóstico, de acompanhamento e de consolidação das aprendizagens” (Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica)

Assim, em consonância com Reimers (2021), como a pandemia tem afetado a diferentes populações e aos sistemas escolares de maneiras diversas, o primeiro passo na elaboração de uma resposta apropriada é determinar a natureza exata dos efeitos sobre os estudantes, as comunidades, os docentes e o próprio sistema de distribuição da educação. E um destes efeitos, sem dúvida, é a evasão. Uma evasão que já existe e que poucos relatos mostravam uma tendência de queda (Glewwe & Kassouf, 2008; Ribeiro, 2018), mas que agora, com a pandemia, tende a mostrar sua face mais grave.

Para enfrentar o período pós-covid imediato se faz necessário uma força-tarefa multiprofissional, o uso de ferramentas de Inteligência Artificial e um esforço conjunto e

organizado, entre a escola, a sociedade e o governo, para estabelecer estratégias que sejam capazes de fazer frente ao que se avizinha. Estas estratégias devem ser variadas, respeitando as desigualdades regionais, as necessidades de cada escola. Tais estratégias devem se concentrar na aceleração do aprendizado, mediante a priorização do currículo e na educação integral. Para implementar essas estratégias, educadores e formuladores de políticas educacionais devem fortalecer as escolas, os professores e os alunos (REIMERS, 2021). As estratégias, espera-se, devem ser inovadoras, mas não devem deixar de olhar para o aluno. Para cada um deles! Dentro de um painel multicausal, a identificação de picos de evasão, nas séries finais, já aponta para a tomada de decisões e implantação de acompanhamento intenso e individualizado nos alunos com este perfil.

Evasão pós-covid: uma sequela esperada

Após a vacinação e mantidos os cuidados de distanciamento, higiene e outros, a pandemia perderá força e status de emergência global, embora o vírus permaneça entre nós. O recrudescimento periódico é uma possibilidade real diante de uma doença de origem viral, altamente contagiosa. Mas, o cenário hoje é de reabertura das escolas. E, mais que um simples abrir portões, é preciso manter os cuidados de higiene, de proteção e distanciamento e, ainda, atentar para os impactos psicológicos deste retorno.

O perfil do aluno evadido, antes da pandemia, era do gênero masculino, não branco, de baixo nível socioeconômico e cultural, com desempenho escolar sofrível, histórico de reprovações e repetências, ambiente familiar desfavorável, e cursando séries finais dos ciclos fundamentais. Como será o perfil depois da pandemia? Ou melhor, qual será o perfil do evadido por causa da pandemia? Houve mudanças? As questões psicológicas envolvidas no retorno e as mudanças familiares (as inúmeras mortes deixaram muitos órfãos) certamente impactarão no perfil do evadido pós-pandemia.

Em relação ao perfil, no tocante ao choque da pandemia do COVID-19, Cavalcante et al. (2020) observam que, quanto mais velho o aluno, menor a probabilidade de estar recebendo atividades escolares. Como consequência desse resultado, é possível que haja um aumento da evasão escolar de estudantes mais velhos, uma vez que, além de já estarem atrasados no ensino em relação aos demais, esse grupo pode ser atraído com maior facilidade pelo mercado de trabalho (CAVALCANTE ET 2020; ALVES NS, 2022). O cenário posto é ainda mais preocupante do que o existente no período pré-pandemia. Assim, o desafio agora é acolhê-los, apoiá-los e dar-lhes segurança para que continuem na escola, apesar da pandemia. Temos as ferramentas para isso?

Bibliografia Consultada

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica. (2022). Disponível: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-11.079-de-23-de-maio-de-2022-402040949>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 454, de 20 de março de 2020. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (covid19). 2020a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt454-20-ms.htm>

DE SOUSA ALVES, N. (2022). Frequência e Progressão escolar no Brasil em resposta à pandemia do COVID-19. *Trabalho de Conclusão de Curso*. (Graduação em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - USP. Orientador: Naercio Aquino Menezes Filho.

BISSARO, D. Z., ELIAS, E. M. C., BECEVELLI, S. L., COSTA, S. M., e DA COSTA, T. G. F. (2021). Evasão e abandono escolar: os desafios de conter seu avanço, as causas e consequências- estudo de caso na Escola Municipal “João Mendonça”, em Teixeira de Freitas-Bahia. *Research, Society and Development*, 10(4), 34810412463-34810412463.

BORDINI, M. (2021). A evasão escolar: uma metassíntese qualitativa de estudos brasileiros (2015-2020). *Revista Interfaces*, 12(01), 219-231.

BRANCO, E. P., ADRIANO, G., DE GODOI BRANCO, A. B., e IWASSE, L. F. A. (2020). Evasão escolar: desafios para permanência dos estudantes na educação básica. *Revista Contemporânea de Educação*, 15(34), 133-155.

CAVALCANTE, V., KOMATSU, B. K., & MENEZES-FILHO, N. (2020). Desigualdades Educacionais durante a Pandemia. *Policy Paper*, (51).

CHATTERJI, P., & LI, Y. (2021). Effects of COVID-19 on school enrollment. *Economics of Education Review*, 83, 102128.

DANIEL, S. J. (2020). Education and the COVID-19 pandemic. *Prospects*, 49(1), 91-96.

DE SOUZA, V. F., e JÚNIOR, L. M. (2020). O que as estatísticas retratam sobre a educação básica em tempos de covid-19. *Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc*, 3(3).

GLEWWE, P., e KASSOUF, A. L. (2008). O impacto do Programa Bolsa Família no total de matrículas do ensino fundamental, taxas de abandono e aprovação. *Anais do Encontro Nacional de Economia*, 36.

GONÇALVES, M. E., RIOS-NETO, E. L., e CÉSAR, C. C. (2008). Evasão no ensino fundamental brasileiro: identificação e análise dos principais determinantes. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, 18(1), 79-94.

GUBBELS, J., VAN DER PUT, C. E., e ASSINK, M. (2019). Risk factors for school absenteeism and dropout: a meta-analytic review. *Journal of youth and adolescence*, 48(9), 1637-1667.

JÚNIOR, F. T., DOS SANTOS, J. R., e DE SOUZA MACIEL, M. (2016). Análise da evasão no sistema educacional brasileiro. *Pesquisa e Debate em Educação*, 6(1), 73-92.

KHAN, M. J., e AHMED, J. (2021). Child education in the time of pandemic: Learning loss and dropout. *Children and Youth Services Review*, 127, 106065.

KLEIN, R. (2006). Como está a educação no Brasil? O que fazer? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14, 139-171.

LIMA, P., BISINOTO, C., MELO, N. S. D., e RABELO, M. (2019). Taxas longitudinais de retenção e evasão: uma metodologia para estudo da trajetória dos estudantes na educação superior. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 27, 157-178.

MADABHAVI I, SARKAR M, KADAKOL N. (2020). COVID-19: a review. *Monaldi Arch Chest Dis*. May 14;90(2). doi: 10.4081/monaldi.2020.1298.

DE SOUZA ZANIRATO MAIA, J., BUENO, A. P. A., e SATO, J. R. (2021). Assessing the educational performance of different Brazilian school cycles using data science methods. *PLOS ONE*, 16(3), 1-14.

MIRZA H, ROBERTS E, AL-BELUSHI M, AL-SALTI H, AL-HOSNI A, JEYASEELAN L, AL-ADAWI S. (2018). School Dropout and Associated Factors Among Omani Children with Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: A Cross-Sectional Study. *J Dev Behav Pediatr*. Feb/Mar;39(2):109-115. doi: 10.1097/DBP.0000000000000522.

OCDE. (2021). The state of school education. One year into the COVID pandemic. <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/201dde84-en.pdf?expires=1625493605&id=id&accname=guest&checksum=2C0A46048D91273CF88B39297505458>

OSTERHOM, M., E OLSHAKER, M. (2021). The pandemic that won't end: COVID-19 variants and the peril of vaccine inequity. *Foreign Affairs*. <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2021-03-08/pandemic-wont-end>.

REIMERS, M. (2021) "Educação e COVID-19: Recuperando-se do choque causado pela pandemia e reconstruindo melhor." *IBE/2021/ST/EP3*

RIBEIRO, F. A.S. (2018). "A Evasão No Ensino Fundamental Dos Anos Finais No Município De Paraisópolis." *TCC*. Universidade Federal de São João del Rei. Orientador: Prof. Dr. Roberto do Nascimento Ferreira.

SALES, F., MENDES, Y., DEMBOGURSKI, B., SEMAAN, G., SILVA, E., e FERREIRA, F. (2019). Evasão no Ensino Básico da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora: uma Análise com Mineração de Dados. In *Brazilian Symposium on Computers in Education* (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE) (Vol. 30, No. 1, p. 1371).

SENHORAS, E. M. (2020). Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação. In *VII Congresso Nacional de Educação*, Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, Maceió-AL.

DE SOUZA, V. F., e JÚNIOR, L. M. (2020). O que as estatísticas retratam sobre a educação básica em tempos de covid-19. *Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc*, 3(3).

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Education for all by 2015: will we make it? EFA global monitoring report, EPT 2008.

WANDERLEY, P. F. (2021). Uso de business intelligence para avaliação de indicadores de desempenho na educação básica: um estudo de caso no Estado do Acre. *TCC*. Universidade Federal

De Campina Grande. Centro de Engenharia Elétrica e Informática. Curso De Bacharelado em Ciência da Computação. Orientador: Professor Dr. Cláudio de Souza Baptista.

WHO. (2022). Covid-19 situation report 181. Available at: <https://www.who.int>. Acesso em 31/05/2022.

WORLD BANK. (2020). The COVID-19 pandemic: Shocks to education and policy responses. World Bank, 2020.